

• Política

GOVERNO

GAZETA MERCANTIL

Sarney diz que o País precisa de partidos "fortes" e "acomodados"

O presidente José Sarney concedeu ontem uma entrevista ao programa "Rede Brasil", que foi ao ar pela primeira vez, a partir das 22 horas, numa rede de 28 televisões — a TV Nacional de Brasília (Radiobrás) e as televisões educativas (Funtevê). No programa oficial, o presidente Sarney falou pouco, limitando-se a três temas: a privatização de empresas estatais, a situação dos partidos políticos no País e o relacionamento do Brasil com o exterior, especialmente a América Latina.

Sarney afirmou que o Brasil não tinha "condições de ter iniciativa privada" em áreas da economia que o Estado, "pioneiro", assumiu. Em alguns desses setores, isso "não se justifica mais", segundo ele, para quem "a faixa de liberdade de cada um de nós diminui à proporção que o Estado avança na economia". Sobre os partidos, o presidente disse que eles deverão "se acomodar" e deixar de lado os "interesses regionais que se agrupam a nível nacional", fazendo com que os partidos percam "uma certa legitimidade".

Abaixo, alguns momentos da entrevista:

"O Brasil, na realidade, está se atrasando. Nós não devemos perder o caminho da História. Então, nós estamos realmente necessitando que o País se modernize e que ele possa estar preparado para grande desafio do século XXI que está chegando. Dentro desse contexto, nós achamos que o programa de privatização tem o seu espaço. Porque, como nós sabemos, a área que o Estado brasileiro entrou cada vez mais, ele hoje se torna incapaz de tomar conta dessa área. Em alguns setores, era justificável num tempo em que nós ainda não tínhamos condições de ter iniciativa privada nessas áreas. Então, o Estado foi pioneiro. Mas hoje não se justifica mais. Nós temos que abandonar tudo aquilo

que a iniciativa privada possa fazer. E eu sempre tenho dito, há muitos anos que eu repito isso: a faixa de liberdade de cada um de nós diminui à proporção que o Estado avança na economia. Quanto mais diminui a liberdade econômica, mais diminui a liberdade política. E, ao mesmo tempo, privatizar é uma maneira de tirar do Estado encargos que aumentam o déficit público.

"Todo período de transição corresponde a uma certa eferescência na área política, nas mudanças de posições. Na realidade, nós temos confederações e partidos, nós temos algumas federações ideológicas, outras são interesses regionais que se agrupam a nível nacional e os partidos perdem uma certa legitimidade. Eu acredito que essa mudança é previsível. Nós vamos encontrar o leito normal em que os partidos vão se acomodar. Porque sem partido não há democracia. E sem partido forte não existem instituições fortes. Se nós quisermos ter democracia consolidada, instituições fortes, teremos que ter partidos fortes e partidos consolidados. E esse é o meu interesse. Na realidade, nós só quase temos partidos regionais e que se agrupam a nível nacional em governo e oposição. Há um fenômeno novo, é o fenômeno dos partidos ideológicos e, também, nós estamos numa época em que, com a Assembleia Nacional Constituinte, ela reformula regras partidárias e dá margem a que todo mundo fique ainda num certo compasso de espera.

"O Brasil é um grande país, tem uma expressão continental e tem expressão mundial, quer dizer, o Brasil cada vez mais vai ter que ter uma participação e que ser ouvido nas decisões que são tomadas a nível mundial. E que tem a consciência hoje que nós precisamos começar na América Latina também um processo de modernização. Esse processo de modernização começa na economia dos conjuntos, que é hoje utilizada no mundo inteiro como defesa para cada país, e que se traduz, por exemplo, no mercado comum. E mercado comum este que nós estamos começando aqui, através dos acordos com a Argentina, Uruguai, e os avanços que temos feito ao México, Venezuela e Colômbia".